

## ADEUS, LISBOA

É indescritível a cidade. Com olhos de partida, é como se um denso nevoeiro ocultasse o que nunca gostámos de olhar, para deixar apenas bem aqueles recantos que nos fizeram amá-la.

Olhei-te, há dias, como se fosse a primeira vez, talvez por temer que fosse a última. De uma forma diferente, senti-te minha ou que te pertencia. Ou ambas as coisas.

Mas quero voltar para nova despedida e essa dor decerto me dará prazer. Irei visitar o Tejo ou talvez mesmo atravessá-lo, encostada à janela de um cacilheiro, olhos fixos na suavidade das ondas. Melhor ainda será espreitá-lo da Graça, dividida entre o fascínio das águas e as lembranças que teimam em surgir.

Mergulharei a fundo na noite, pelo menos mais uma vez, e colherei até à raiz, um a um, os pequenos prazeres a que nem sempre se dá importância – a voz daquele cantor que serve de fundo à nossa conversa e que nunca ouvimos verdadeiramente; o sabor da bebida preferida; os cumprimentos fugazes, distribuídos aqui e além; e muitas outras pequeninas coisas que, na altura, saberei reconhecer, porque irei na disposição de viver cada momento como se fosse o último.

Os amigos...esses levá-los-ei comigo a todo o custo, nessa peregrinação imprescindível. E talvez possamos adiar o sono até bem tarde, para vermos nascer o Sol, sentados nos bancos do Chiado.

Falar sobre a cidade, pintar a cidade...não é difícil, mas são inesgotáveis as palavras e as cores – cidade encantada, idolatrada, por poetas e sonhadores; cidade acusada de albergar barracas de miséria e, famintas e rotas, crianças por quem ninguém pára nas ruas; cidade branca, azul, amarela, tons de alegria, tristeza, desvario; cidade envolta em bruma, magia, luz, música...

Mas chegará a hora de partir. A música transformar-se-á em silêncio; a luz extinguir-se-á; a magia terá o sabor dos contos de infância, tão longínquos. Restará somente a bruma, a envolver as doces recordações.

Adeus, Lisboa!

Isabel Pereira Rosa ©